

O Livro de Urântia

<< [Documento 153](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 155](#) >>

Documento 154

Os Últimos Dias em Cafarnaum

154:0.1 (1717.1) NA AGITADA noite de sábado, 30 de abril, enquanto Jesus proferia suas palavras de conforto e de encorajamento aos seus tristes e desnorteados discípulos, reunia-se, em Tiberíades, com Herodes Antipas, o conselho de um grupo de comissários especiais, representando o sinédrio de Jerusalém. Esses escribas e fariseus solicitavam insistentemente que Herodes prendesse Jesus; e deram o melhor de si para convencê-lo de que Jesus estava incitando a população à discórdia e mesmo à rebelião. Mas Herodes negou-se a tomar posição contra Jesus, como transgressor político. Os conselheiros de Herodes haviam informado com exatidão sobre o episódio ocorrido no lago; que o povo havia tentado proclamar Jesus como rei, e que essa proposta foi recusada por ele.

154:0.2 (1717.2) Um dos membros da família dos oficiais de Herodes, Cuza, cuja mulher pertencia ao corpo ministrante de mulheres, havia assegurado junto a Herodes que Jesus não se propunha imiscuir-se

nos assuntos do governo terreno; que estava ocupado apenas com o estabelecimento da fraternidade espiritual dos seus crentes; e a essa fraternidade ele denominava o Reino do céu. Herodes confiava nos relatos de Cuza, e tanto assim que não quis interferir nas atividades de Jesus. Nessa época, Herodes se deixava também influenciar, nas suas resoluções sobre Jesus, pelo medo supersticioso de João Batista. Herodes era um daqueles judeus apóstatas que, ao mesmo tempo em que em nada acreditava, a tudo temia. Tendo a consciência pesada por haver mandado executar João, não queria envolver-se nessas intrigas contra Jesus. Sabia de muitos casos de doença que, aparentemente, haviam sido curados por Jesus e o considerava mais como um profeta ou um fanático religioso relativamente inofensivo.

154:0.3 (1717.3) Quando os judeus ameaçaram relatar a César que ele estava dando cobertura a um súdito traidor, Herodes expulsou-os da câmara de conselho. Assim, as questões acalmaram-se por uma semana e, durante esse tempo, Jesus preparou os seus seguidores para a dispersão iminente.

1. Uma Semana de Recomendações

154:1.1 (1717.4) De primeiro a 7 de maio, Jesus manteve reuniões de aconselhamentos íntimos aos seus seguidores, na casa de Zebedeu. Apenas os discípulos fiéis e de confiança foram admitidos nessas conferências. Nessa época, havia apenas cerca de cem discípulos que

tinham coragem moral para afrontar a oposição dos fariseus e para declarar abertamente a sua lealdade a Jesus. Com esse grupo ele mantinha reuniões pela manhã, à tarde e à noite. Pequenos grupos reuniam-se todas as tardes, à beira-mar; faziam perguntas, e um dos evangelistas ou apóstolos falava a eles. Esses grupos raramente contavam com mais de cinquenta pessoas.

154:1.2 (1717.5) Na sexta-feira dessa semana foi tomada a medida oficial, pelos chefes da sinagoga de Cafarnaum, de fechar a casa de Deus, para Jesus e todos os seus seguidores. Tal medida foi tomada sob instigação dos fariseus de Jerusalém. Jairo renunciou da sua posição de direção e abertamente alinhou-se com Jesus.

154:1.3 (1718.1) O último dos encontros à beira-mar foi realizado no sábado à tarde, 7 de maio. Jesus falou para menos de cento e cinquenta pessoas que se haviam reunido naquela ocasião. A noite desse sábado assinalou o momento de maior baixa da maré de consideração popular para com Jesus e os seus ensinamentos. Daí em diante, houve um progresso dos sentimentos favoráveis a Jesus, mas de um modo lento, se bem que contínuo, e mais saudável e confiável; um novo grupo de seguidores formou-se, e este estava mais bem ancorado na fé espiritual e na verdadeira experiência religiosa. Chegava definitivamente ao fim o estágio de transição, composto e comprometido, mais ou menos, entre os conceitos materialistas do reino, mantidos pelos seguidores do Mestre, e aqueles conceitos mais idealistas e espirituais, ensinados por Jesus. De agora em diante havia uma proclamação mais aberta do

evangelho do Reino, em seu alcance mais amplo e com implicações espirituais mais vastas.

2. Uma Semana de Descanso

154:2.1 (1718.2) No domingo, 8 de maio, do ano 29 d.C., em Jerusalém, o sinédrio aprovou um decreto fechando todas as sinagogas, na Palestina, para Jesus e os seus seguidores. Esta foi uma nova usurpação da autoridade, e sem precedentes, da parte do sinédrio de Jerusalém. Até então cada sinagoga havia existido, e funcionado, como uma congregação independente de adoradores, ficando sob a direção e chefia da sua própria junta de governantes. Apenas as sinagogas de Jerusalém tinham estado sujeitas à autoridade do sinédrio. Essa ação sumária do sinédrio foi seguida pela renúncia de cinco dos seus membros. Cem mensageiros foram imediatamente despachados para transmitir e para impor esse decreto. Dentro do curto prazo de duas semanas todas as sinagogas na Palestina haviam-se dobrado a essa manifestação do sinédrio, exceto a sinagoga de Hebrom. Os chefes da sinagoga de Hebrom recusaram-se a reconhecer o direito do sinédrio de exercer tal jurisdição sobre a sua assembléia. Essa rejeição, de aceitar o decreto de Jerusalém, baseou-se na argumentação da autonomia da congregação, mais do que na simpatia à causa de Jesus. Pouco depois, a sinagoga de Hebrom foi destruída pelo fogo.

154:2.2 (1718.3) Nesse mesmo domingo, pela manhã, Jesus declarou uma semana de folga, solicitando a todos os seus discípulos que retornassem aos seus lares ou aos seus amigos, para descansar as suas almas perturbadas e para que dissessem palavras de encorajamento aos seres amados. Ele disse: “Ide aos seus vários locais queridos, para folgar ou pescar, ao mesmo tempo em que deveis orar para a expansão do Reino”.

154:2.3 (1718.4) Essa semana de repouso capacitou Jesus a visitar muitas famílias e grupos à beira-mar. Ele também foi pescar com Davi Zebedeu, em várias ocasiões, e, conquanto tenha ido a sós muitas das vezes, havia sempre, espreitando por perto, dois ou três dos mensageiros mais confiáveis de Davi, que haviam recebido ordens muito claras do seu dirigente sobre a salvaguarda de Jesus. Não houve nenhum ensinamento público de qualquer espécie durante essa semana de descanso.

154:2.4 (1718.5) Essa foi a semana em que Natanael e Tiago Zebedeu sofreram de uma doença um pouco mais séria. Por três dias e noites foram afligidos agudamente por uma perturbação digestiva dolorosa. Na terceira noite Jesus disse a Salomé, a mãe de Tiago, que descansasse e ficou ele próprio ministrando aos seus apóstolos que sofriam. Evidentemente que Jesus poderia ter, instantaneamente, curado esses dois homens, todavia, esse não é nem o método do Filho, nem o do Pai, de lidar com tais dificuldades e aflições comuns dos filhos dos homens nos mundos evolucionários do tempo e do espaço. Nem por uma vez, durante toda a sua movimentada vida na carne, Jesus fez qualquer espécie de ministração sobrenatural, em

benefício de qualquer membro da sua família terrena ou de qualquer dos seus seguidores diretos.

154:2.5 (1719.1) As dificuldades no universo devem ser enfrentadas, como também devem ser defrontados os obstáculos planetários, tal como uma parte da experiência de aperfeiçoamento proporcionada para o crescimento e o desenvolvimento, em perfeição progressiva, das almas em evolução das criaturas mortais. A espiritualização da alma humana requer experiência íntima com uma solução educacional para uma gama ampla de problemas reais do universo. A natureza animal e as formas inferiores de criaturas volitivas não progridem favoravelmente em meio a facilidades ambientais. As situações problemáticas, combinadas com estímulos à ação, conspiram para produzir as atividades da mente, da alma e do espírito, que contribuem poderosamente para a realização de metas valiosas para o progresso mortal e para que se atinjam níveis mais elevados no destino espiritual.

3. A Segunda Conferência em Tiberíades

154:3.1 (1719.2) Aos 16 de maio, foi realizada a segunda conferência em Tiberíades, entre as autoridades de Jerusalém e Herodes Antipas. Presentes estiveram os líderes religiosos e políticos de Jerusalém. Os líderes judeus puderam reportar a Herodes que praticamente todas as sinagogas, da Galiléia e igualmente da Judéia, estavam fechadas para os ensinamentos de Jesus. E um novo esforço foi feito para que

Herodes colocasse Jesus na prisão, mas ele negou-se a atender esse pedido. Aos 18 de maio, contudo, Herodes concordou com o plano de permitir às autoridades do sinédrio que capturassem Jesus e que o levassem a Jerusalém, para ser julgado sob acusações religiosas, desde que o governador romano da Judéia estivesse de acordo com esse arranjo. Nesse meio tempo, os inimigos de Jesus espalhavam, industriosamente, por toda a Galiléia, o rumor de que Herodes havia-se tornado hostil a Jesus, e que iria exterminar todos aqueles que acreditassem nos ensinamentos dele.

154:3.2 (1719.3) No sábado à noite, 21 de maio, chegou a Tiberíades a notícia de que as autoridades civis em Jerusalém não opunham objeção ao acordo entre Herodes e os fariseus, de que Jesus fosse apreendido e levado a Jerusalém, para julgamento diante do sinédrio, sob acusações de escarnecer das leis sagradas da nação judaica. E assim, pouco antes da meia-noite desse dia, Herodes assinou o decreto que autorizava os oficiais do sinédrio a prender Jesus, nos domínios de Herodes, e a levá-lo à força a Jerusalém, para julgamento. Uma forte pressão de muitos lados foi exercida sobre Herodes, antes que ele desse a permissão; e bem sabia ele que Jesus não podia esperar um julgamento justo, diante dos seus inimigos implacáveis em Jerusalém.

4. Sábado à Noite em Cafarnaum

154:4.1 (1719.4) Nesse mesmo sábado à noite, em Cafarnaum, um grupo de cinquenta cidadãos importantes reuniram-se na sinagoga para discutir sobre a questão momentosa: “O que faremos com Jesus?” Eles falaram e debateram até depois da meia-noite, mas não conseguiram nenhum ponto comum para um acordo. À parte umas poucas pessoas, inclinadas à crença de que Jesus poderia ser o Messias, ou ao menos um homem santo, ou talvez um profeta, a reunião ficou dividida em quatro grupos quase iguais que sustentavam, respectivamente, os seguintes pontos de vista sobre Jesus:

154:4.2 (1719.5) 1. Que ele era um fanático religioso, iludido e inofensivo.

154:4.3 (1719.6) 2. Que ele era um agitador perigoso e astuto, que poderia incitar a rebelião.

154:4.4 (1720.1) 3. Que ele estava aliado a demônios, que poderia mesmo ser um príncipe dos demônios.

154:4.5 (1720.2) 4. Que ele estava fora de si, que estava louco, mentalmente desequilibrado.

154:4.6 (1720.3) Muito se disse, sobre as doutrinas pregadas por Jesus, que eram inquietadoras para a gente comum; os seus inimigos sustentavam que os ensinamentos dele eram impraticáveis, que tudo ruiria se todos fizessem um esforço honesto para viver de acordo com as suas idéias. E homens de muitas gerações subseqüentes disseram as mesmas coisas. Muitos homens inteligentes e bem-intencionados, mesmo na época mais esclarecida dessas revelações, sustentavam que a civilização moderna não poderia ter sido edificada sob os

ensinamentos de Jesus — e, parcialmente, eles estão certos. No entanto, todos esses cétricos esquecem-se de que uma civilização muito melhor poderia ter sido edificada com os mesmos ensinamentos, e o será, em alguma época. Esse mundo nunca tentou seriamente colocar em prática os ensinamentos de Jesus, em ampla escala, não obstante terem ocorrido tentativas acanhadas, de seguir as doutrinas do chamado cristianismo.

5. A Acidentada Manhã de Domingo

154:5.1 (1720.4) Foi um dia movimentado na vida de Jesus, o 22 de maio. Nessa manhã de domingo, antes da aurora, um dos mensageiros de Davi chegou, muito apressado, de Tiberíades, trazendo a notícia de que Herodes havia autorizado, ou estava para autorizar, que Jesus fosse preso pelos oficiais do sinédrio. O recebimento da notícia sobre esse perigo iminente levou Davi Zebedeu a despertar os seus mensageiros e a enviá-los a todos os grupos locais de discípulos, convocando-os para um conselho de emergência, às sete horas naquela manhã. Quando a cunhada de Judá (o irmão de Jesus) ouviu essa informação alarmante, ela apressou-se a passá-la a todos da família de Jesus, que residiam por perto, chamando-os para reunirem-se, sem demora, na casa de Zebedeu. E, respondendo a essa chamada apressada, em breve estavam lá reunidos Maria, Tiago, José, Judá e Rute.

154:5.2 (1720.5) Na reunião, feita de manhã cedo, Jesus deu as suas instruções de despedida aos discípulos presentes; isto é, ele despediu-se circunstancialmente, sabendo muito bem que eles logo seriam dispersados de Cafarnaum. E instruiu-os, a todos, que procurassem a orientação de Deus e que continuassem o trabalho do Reino, independentemente das conseqüências. Os evangelistas deveriam trabalhar como melhor lhes parecesse, até o momento em que fossem chamados. Ele selecionou doze dos evangelistas para acompanhá-lo; instruiu os doze apóstolos para que permanecessem com ele, não importando o que acontecesse. Às doze mulheres, ele as instruiu para que permanecessem na casa de Zebedeu e na casa de Pedro, até que ele mandasse buscá-las.

154:5.3 (1720.6) Jesus consentiu que Davi Zebedeu continuasse o seu serviço de mensageiros por todo o país e, ao dar ao Mestre a sua despedida, Davi disse: “Vai em frente com a tua obra, Mestre. Não deixes os fanáticos te pegarem, e nunca duvides de que os mensageiros te seguirão. Os meus homens nunca perderão o contato contigo e, por intermédio deles, tu saberás do Reino em outros lugares, assim como nós todos saberemos de ti. Nada que me possa acontecer interferirá nesse serviço, pois eu já aponte o primeiro líder e o segundo, e mesmo um terceiro. Não sou nem um instrutor, nem um pregador, mas está no meu coração fazer isso, e ninguém pode parar-me”.

154:5.4 (1720.7) Por volta das sete horas e trinta minutos dessa manhã, Jesus começou a sua alocução para os quase cem crentes, que tinham entrado na casa para ouvi-lo. Essa foi uma ocasião solene, para todos

os presentes, e Jesus parecia estar especialmente alegre; novamente ele estava como sempre fora. Aquela seriedade, das últimas semanas, havia desaparecido e ele inspirava a todos, com as suas palavras de fé, esperança e coragem.

6. Chega a Família de Jesus

154:6.1 (1721.1) Aproximadamente às oito horas, nesse domingo de manhã, cinco membros da família terrena de Jesus ali chegaram, respondendo à chamada urgente da cunhada de Judá. Apenas um membro de toda a sua família na carne, Rute, acreditava de coração e continuamente na divindade da missão de Jesus na Terra. Judá e Tiago e, mesmo, José ainda mantinham grande parte da sua fé em Jesus, mas haviam permitido que o orgulho interferisse sobre o melhor do seu julgamento e sobre as suas inclinações espirituais reais. Maria estava, do mesmo modo, dividida entre o amor e o medo, entre o amor de mãe e o orgulho de família. Embora ela estivesse atormentada pelas dúvidas, nunca pôde esquecer inteiramente a visita de Gabriel, antes de Jesus nascer. Os fariseus haviam envidado esforços para persuadir Maria de que Jesus estava demente, fora de si. Eles incitaram-na a ir com os seus filhos tentar dissuadi-lo de fazer esforços maiores no ensinamento público. Eles asseguraram a Maria que logo a saúde de Jesus não resistiria e que apenas a desonra e a desgraça viriam, sobre toda a família, em consequência de permitir que ele continuasse. E, assim, quando

chegou a notícia da cunhada de Judá, todos os cinco partiram imediatamente para a casa de Zebedeu, tendo estado juntos na casa de Maria, onde encontraram-se com os fariseus, na noite anterior. Eles haviam conversado com os líderes de Jerusalém, até alta noite, e todos estavam mais ou menos convencidos de que Jesus estava agindo estranhamente, que ele vinha agindo assim desde algum tempo. Embora Rute não pudesse explicar toda a conduta dele, ela insistia em afirmar que ele havia sempre tratado a sua família com equanimidade e se recusava a concordar com o plano de tentar dissuadi-lo de continuar com a sua obra.

154:6.2 (1721.2) A caminho da casa de Zebedeu eles conversaram sobre essas coisas e concordaram entre si que iriam tentar persuadir Jesus a vir para casa com eles; e, assim sendo, Maria falou: “Eu sei que poderia influenciar o meu filho se apenas ele pudesse vir para casa e me escutar”. Tiago e Judá haviam ouvido rumores a respeito dos planos de prender Jesus e levá-lo a Jerusalém para julgamento. Eles também temiam pela própria segurança. Enquanto Jesus tinha sido uma figura querida aos olhos do público, a sua família permitiu que as coisas continuassem, mas agora que o povo de Cafarnaum e os líderes de Jerusalém haviam subitamente se voltado contra ele, começaram todos a sentir fortemente a pressão da suposta desgraça de uma situação embaraçosa.

154:6.3 (1721.3) Eles esperavam encontrar Jesus, chamá-lo de lado e pressioná-lo a ir para casa com eles. Eles haviam pensado em assegurar-lhe de que esqueceriam que ele os havia negligenciado — eles perdoariam e esqueceriam — se apenas Jesus desistisse da tolice

de tentar pregar uma nova religião, que apenas traria complicações para ele próprio e a desonra para a sua família. A tudo isso Rute apenas diria: “Vou dizer ao meu irmão que acho que ele é um homem de Deus, e que eu espero que ele esteja disposto a morrer antes de permitir que esses fariseus perniciosos ponham um fim à sua pregação”. José prometeu manter Rute em silêncio, enquanto os outros estivessem insistindo com Jesus.

154:6.4 (1721.4) Quando chegaram à casa de Zebedeu, Jesus estava exatamente no meio das suas palavras de despedida aos discípulos. Eles tentaram entrar na casa, mas estava transbordando de gente. Finalmente eles se estabeleceram na porta dos fundos e mandaram o recado a Jesus, de pessoa a pessoa, de modo que finalmente foi sussurrado a ele, por Simão Pedro, que interrompeu a sua palestra com esse propósito, e disse: “Lá fora, Mestre, estão a tua mãe e os teus irmãos, ansiosos para falar contigo”. Ora, não ocorreu à sua mãe o quão importante era a mensagem de despedida aos seus seguidores, nem sabia ela que essa despedida estava para ser interrompida a qualquer momento com a chegada dos seus captores. Após uma desavença aparente tão longa, e por causa do fato de que ela e os irmãos dele houvessem recebido a graça de vir de fato até ele, ela realmente chegou a pensar que Jesus pararia de falar e viria a eles, no momento mesmo em que soubesse que eles o estavam esperando.

154:6.5 (1722.1) E foi só mais uma dessas instâncias em que a sua família terrena não pôde compreender que ele devia cuidar dos assuntos do seu Pai. E, assim, Maria e os irmãos de Jesus ficaram profundamente

magoados quando, não obstante ter ele parado a sua fala para receber a mensagem, em vez de acorrer até lá para saudá-los, ele falou com a sua voz musical em volume mais elevado: “Dize a minha mãe e aos meus irmãos que eles não deveriam temer por mim. O Pai, que me enviou ao mundo, não me abandonará; nem mal nenhum virá sobre a minha família. Pede-lhes para que tenham muita coragem e que ponham a sua confiança no Pai do Reino. Mas, afinal, quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” E estendendo as próprias mãos para todos os seus discípulos reunidos na sala, ele disse: “Eu não tenho mãe; não tenho irmãos. Eis a minha mãe e eis os meus irmãos! Pois todo aquele que cumpre a vontade do meu Pai, que está no céu, este é a minha mãe, o meu irmão e a minha irmã”.

154:6.6 (1722.2) E, quando Maria ouviu essas palavras, ela desmaiou nos braços de Judá. Eles carregaram-na até o jardim, para reavivá-la, enquanto Jesus dizia as palavras de conclusão da sua mensagem de partida. E então, ele teria ido ter com a sua mãe e com os seus irmãos, não fosse um mensageiro haver chegado, às pressas, de Tiberíades, trazendo a notícia de que os oficiais do sinédrio estavam a caminho, com autoridade para prender Jesus e levá-lo a Jerusalém. André recebeu essa mensagem e, interrompendo Jesus, transmitiu-a a ele.

154:6.7 (1722.3) André não se lembrou que Davi havia colocado umas vinte e cinco sentinelas em volta da casa de Zebedeu, e que ninguém os tomaria de surpresa; e assim ele perguntou a Jesus o que deveria ser feito. O Mestre permanecia lá, em silêncio; enquanto a sua mãe acabara de ouvir: “Eu não tenho mãe”. E ela ficou no jardim,

recuperando-se do choque causado por essas palavras, quando, exatamente nesse momento, uma mulher na sala levantou-se e exclamou: “Abençoado seja o ventre que te concebeu, e abençoados sejam os seios que te amamentaram”. Jesus voltou-se de lado e, por um momento, saiu da sua conversa com André para responder a essa mulher, dizendo: “Não, mais abençoado é aquele que ouve a palavra de Deus e que ousa obedecê-la”.

154:6.8 (1722.4) Maria e os irmãos de Jesus pensaram que Jesus não os entendera, que ele havia perdido o interesse por eles, mal entendendo que haviam sido eles que não compreenderam Jesus. Jesus compreendeu plenamente quão difícil é, para os homens, romper com o próprio passado. E sabia como os seres humanos ficam diante da eloquência do pregador, a consciência respondendo ao apelo emocional, tanto quanto a mente responde à lógica e à razão; todavia, ele também sabia quão mais difícil é persuadir os homens a *renunciar ao passado*.

154:6.9 (1722.5) É para sempre certo que todos os que se julgam incompreendidos, ou não apreciados, têm em Jesus um amigo compassivo e um conselheiro compreensivo. Ele havia advertido aos seus apóstolos que os inimigos de um homem podem estar na sua própria casa, mas não havia imaginado quão próxima tal predição estaria de ser aplicada à sua própria experiência. Jesus não abandonou sua família terrena para fazer a obra do seu Pai — sua família o abandonou. Mais tarde, depois da morte e da ressurreição do Mestre, quando Tiago tornou-se ligado aos primórdios do

movimento cristão, ele sofreu imensamente em consequência de ter deixado de fazer proveito do convívio inicial com Jesus e os seus discípulos.

154:6.10 (1723.1) Ao passar por esses acontecimentos, Jesus escolheu ser guiado pelo conhecimento limitado da sua mente humana. Ele desejava submeter-se à experiência com os seus colaboradores, como um mero ser humano. E estava na mente humana de Jesus ver a sua família antes de partir. Ele não queria parar no meio do seu discurso e assim transformar o primeiro encontro deles, depois de tanto tempo de separação, em um assunto tão público. A sua intenção era acabar a sua fala e, então, ter uma conversa com eles antes de partir dali; mas esse plano foi frustrado por uma conspiração dos acontecimentos que se seguiram imediatamente.

154:6.11 (1723.2) A pressa da fuga deles foi aumentada pela chegada de um grupo de mensageiros de Davi, pela porta dos fundos da casa de Zebedeu. O tumulto produzido por esses homens amedrontou os apóstolos, levando-os a pensar que poderiam ser aqueles que vieram prendê-los e, de medo de serem imediatamente presos, eles se precipitaram, pela entrada da frente, para o barco que esperava. E tudo isso explica por que Jesus não viu a sua família que o esperava na entrada dos fundos.

154:6.12 (1723.3) Contudo, na pressa da fuga, Jesus disse, a Davi Zebedeu, quando entrou no barco: “Dize à minha mãe e aos meus irmãos que agradeço por terem vindo, e que eu tinha a intenção de vê-los. Recomenda-lhes que não se ofendam comigo, mas que busquem

conhecer a vontade de Deus e que tenham a graça e a coragem de fazer essa vontade”.

7. A Fuga Apressada

154:7.1 (1723.4) E, assim, foi nessa manhã de domingo, 22 de maio, do ano 29 d.C., que Jesus, com os seus doze apóstolos e os doze evangelistas, empreendeu essa fuga apressada, dos oficiais do sinédrio que estavam a caminho de Betsaida, com a autorização de Herodes Antipas para prendê-lo e levá-lo até Jerusalém, a julgamento, sob as acusações de blasfêmia e outras violações das leis sagradas dos judeus. Era quase oito horas e meia de uma bela manhã, quando esse grupo de vinte e cinco homens manejou os remos na direção da margem oriental do mar da Galiléia.

154:7.2 (1723.5) Uma outra embarcação menor seguia o barco do Mestre, levando seis dos mensageiros de Davi, os quais traziam instruções para manter contato com Jesus e os seus seguidores e cuidar de que a informação sobre o seu paradeiro e segurança fosse transmitida com regularidade para a casa de Zebedeu, em Betsaida; esta mesma casa serviu de centro de operações para o trabalho do Reino durante algum tempo. Mas nunca mais, novamente, Jesus faria, da casa de Zebedeu a sua casa. De agora em diante, pelo restante da sua vida na Terra, o Mestre verdadeiramente “não tinha onde recostar a sua cabeça”. Nunca mais ele teve uma morada fixa, nem mesmo algo semelhante a isso.

154:7.3 (1723.6) Eles remaram até perto da aldeia de Queresa, colocaram o barco sob a custódia de amigos, e começaram as peregrinações desse movimentado último ano da vida do Mestre na Terra. Durante um certo período eles permaneceram nos domínios de Filipe, indo de Queresa a Cesaréia-Filipe e, de lá, tomando o caminho da costa da Fenícia.

154:7.4 (1723.7) A multidão demorou-se ainda, na casa de Zebedeu, olhando os dois barcos atravessarem o lago até a margem oriental; e eles já estavam bem longe quando os oficiais de Jerusalém chegaram e iniciaram a sua busca indo atrás de Jesus. Eles se recusavam a acreditar que Jesus lhes tinha escapado e, enquanto Jesus e os seus estavam viajando na direção norte, já passando por Batanea, os fariseus e os seus assistentes passaram quase toda uma semana procurando em vão por ele, nas cercanias de Cafarnaum.

154:7.5 (1724.1) A família de Jesus voltou para a sua casa em Cafarnaum e passou quase uma semana falando, debatendo e orando. Eles estavam cheios de confusão e de consternação. Eles não tiveram paz mental até quinta-feira à tarde, quando Rute retornou de uma visita à casa de Zebedeu, onde ela soube, por Davi, que o seu pai-irmão estava a salvo e com boa saúde e a caminho da costa fenícia.